

EMPRESAS BRASILEIRAS SUSTENTÁVEIS, O ISE E OUTROS ÍNDICES DE SUSTENTABILIDADE

YAN FRANÇA TOSTA

Curso de graduação – Faculdade de Engenharia Elétrica e de Computação

E-mail do autor: yanft@cpqd.com.br

RESUMO: Este estudo tem por finalidade mostrar ações efetivas de sustentabilidade de três das cinco empresas brasileiras de capital aberto que aparecem na lista das 100 empresas mais sustentáveis do mundo da Corporate Knights (CK), e de uma fundação brasileira situada em Campinas, o CPQD. Este ensaio se inicializa com a contextualização da posição atual das grandes empresas brasileiras na perspectiva da sustentabilidade corporativa mundial utilizando do índice de sustentabilidade empresarial (ISE) e outros índices e introduz uma breve dissertação sobre a opinião de especialistas a respeito da sustentabilidade corporativa.

PALAVRAS-CHAVE: Empresas brasileiras, CK, CPQD, sustentabilidade corporativa, ISE

SUSTAINABLE BRAZILIAN COMPANIES, THE ISE AND OTHER INDEXES OF SUSTAINABILITY

ABSTRACT: This study has the objective of showing effective actions of sustainability from three of the five Brazilian corporations that figure between the 100 more sustainable companies in the World according to the Corporate Knights (CK), and from one Brazilian foundation located in Campinas, the CPQD. This article starts with the context of the current position of the major Brazilian companies in the perspective of the World corporate sustainability by using the corporate sustainability index (ISE) and other indexes and it introduces to a brief dissertation about specialists opinions over the subject.

KEY-WORDS: Brazilian companies, CK, CPQD, corporate sustainability, ISE

INTRODUÇÃO

Situação atual das grandes empresas brasileiras na perspectiva da sustentabilidade mundial – As grandes empresas brasileiras estão investindo cada vez mais em sustentabilidade. Essa informação pode ser obtida através do índice de sustentabilidade empresarial (ISE), que é uma “ferramenta para análise comparativa da performance das empresas listadas na Bovespa sob o aspecto da sustentabilidade corporativa, baseada em eficiência econômica, equilíbrio ambiental, justiça social e governança corporativa”

(BMFBOVESPA, 2013). O índice é composto pelas maiores empresas listadas na Bolsa de Valores de São Paulo que se adequam aos critérios de sustentabilidade inspirados em indicadores usados em índices ao redor do mundo. O ISE é uma carteira teórica, um grupo de ações que serve de referência para fundos comercializados por bancos e corretoras (GLOBO, 2013). Sua variação serve como reconhecido indicador da sustentabilidade corporativa no país, pois caracteriza a valorização das empresas que, em tese, são as mais sustentáveis do país. Desde 2005, quando o

índice foi criado, o ISE avançou 85% até o ano de 2010, enquanto o Ibovespa avançou 90%, (MARCONDES & BACARJI, 2010). Até 2013, o ISE avançou mais 65% enquanto o índice Ibovespa recuou 30% (YAHOO, 2013).

O simples avanço do ISE mostra que as empresas listadas na Bovespa elegíveis para o índice têm se comprometido cada vez mais com o “desenvolvimento sustentável, equidade, transparência e prestação de contas, natureza do produto, além do desempenho empresarial nas dimensões econômico-financeira, social, ambiental e de mudanças climáticas” (MARCONDES & BACARJI, 2010). Esse aumento de interesse das empresas brasileiras, que é sintetizado pelo índice, coloca o Brasil num cenário otimista e favorável quando comparado com outros países de porte comparável. Enquanto o ISE avançou 125% nos últimos 8 anos, o *Dow Jones Sustainability North America Composite Index* (DJSNACI, 2013), índice comparável ao ISE e que mede a sustentabilidade das maiores empresas norte-americanas avançou apenas 11% (DJSNACI, 2013). Além disso, um dos principais índices utilizados para se medir a sustentabilidade de empresas ao redor do mundo, o *Dow Jones Sustainability Index* incluía, em 2012, 9 empresas brasileiras das 340 que compõem o índice. (EXAME, 2012).

Essa situação positiva da sustentabilidade corporativa do Brasil pode ser parcialmente explicada por MISHIMA (2012), em seu ensaio para a revista *Ciências do*

Ambiente on Line - “Relatórios [in]sustentáveis” - onde escreveu que “a economia brasileira vem mostrando cada vez mais estabilidade econômica. Prova disso decorre da rápida recuperação sobre a crise financeira iniciada em 2008 precipitada pela falência do banco de investimentos *Lehman Brothers* e decorrente da crise dos subprimes” e que “no momento o Brasil é o terceiro maior país divulgador dos relatórios de sustentabilidade, atrás apenas dos Estados Unidos e da Espanha”. Ou seja, a situação econômica favorável do Brasil em relação a outros países permitiu um investimento maior em sustentabilidade. Além disso, as empresas do país são também umas das maiores divulgadoras de suas ações a favor da sustentabilidade e isso sugere que haja grande produção de material sobre investimentos sustentáveis. Isso certamente propicia a evolução do ISE.

O papel do Estado – Um importante fator que parece contribuir também para a relativamente boa posição do Brasil no que diz respeito à sustentabilidade corporativa é a existência de grandes empresas estatais. Das nove empresas pertencentes ao DJSI, quatro são de capital misto e controladas pelo governo. São elas: Banco do Brasil, Cemig, Petrobras e Embraer. Além disso, em 2013, é possível encontrar várias outras empresas estatais que pertencem ao ISE. Essa relação entre existência de empresas estatais num país e o alto grau de investimento delas em sustentabilidade que, não necessariamente, traz retorno econômico pode

ser explicada por SARLO NETO (2004), que, se referindo a empresas estatais afirma que “não existe uma pressão estruturada para que essas empresas trabalhem de forma a maximizar o resultado de suas atividades. Além disso, as estatais estão submetidas às políticas macroeconômicas dos governos, tornando as suas atividades passivas a políticas de controle de preços e a restrições de investimentos”.

Essa pressuposta não submissão ao requisito fundamental do lucro por parte das empresas de controle estatal e dada a grande importância delas no cenário econômico brasileiro e mundial sugere, portanto, que existe uma correlação entre sustentabilidade corporativa e estrutura do capital social das empresas de capital aberto. Isso também sugere que a investimento em sustentabilidade pode não ser vista, aos olhos os administradores de empresas de capital privado, como uma realidade econômica interessante, pois não necessariamente se relaciona com a maximização dos lucros das companhias

A sustentabilidade corporativa como agregadora de valor às empresas – Um fator importante que dá ainda maior credibilidade ao ISE é o seu impacto no cenário econômico brasileiro: as 37 companhias que compõe o índice apresentaram, no começo do ano de 2013, um valor de mercado conjunto de 1,112 trilhão de reais, o que equivale a 44,85% da Bovespa (GLOBO_1, 2013). Isso sugere que mesmo as empresas grandes e consolidadas no mercado entendem a importância da sustentabilidade e

que as utilizam de maneira, também, a favorecer seus resultados anuais. Isso é reflexo da mudança de pensamento proposta por especialistas em sustentabilidade, que defendem que ser sustentável, para as empresas, não somente não é desvantajoso como é lucrativo e que os empresários mais novos já estão ficando cientes disso: “*o empreendedor realmente criativo e inovador já está prospectando oportunidades de desenvolver e vender produtos e serviços que protejam, conservem e, sobretudo, limpem e renovem o meio ambiente*” (ALMEIDA, 2008). E mesmo grandes empresários, gestores de grandes empresas privadas, já concordam com a visão de que as empresas não podem mais se omitir em serem sustentáveis, como defendeu Jorge Gerdau: “penso que não existe sobrevivência se não convivermos em plena harmonia com a nossa comunidade, não somente produzindo riquezas, mas também e de igual importância, participando e investindo no desenvolvimento social e ambiental” (ALMEIDA, 2008).

No mesmo sentido de enxergar a sustentabilidade corporativa como geradora de valor, o vice-presidente de desenvolvimento organizacional e sustentabilidade da Natura, primeira empresa brasileira no ranking do Corporate Knights em sustentabilidade, entende que não existe contradição quando uma empresa investe em sustentabilidade: “a experiência da Natura mostra isso. A Natura está entre as empresas mais rentáveis do mundo no setor” (GLOBO_2, 2012).

O exemplo de quatro empresas muito distintas – Em 2012, a *Corporate Knights Company* (CK), uma revista vencedora de prêmios mundiais que defende o capitalismo limpo, divulgou uma lista com as 100 empresas mais sustentáveis do mundo. A CK é vista no cenário da sustentabilidade corporativa mundial como uma das mais sérias e rigorosas empresas ao utilizar critérios objetivos para eleger as corporações que aparecem no ranking, o que o torna um importante referencial ao se analisar que medidas as empresas podem tomar para se tornarem mais sustentáveis.

Nessa mesma lista, figuram cinco grandes empresas brasileiras: a Natura, a Cemig, a Vale, o Grupo Pão de Açúcar e o Banco do Brasil (CK, 2012). Essas cinco empresas bastante distintas são excelentes exemplos para provar que a sustentabilidade pode se adequar a qualquer função social que a empresa exerça. Para caracterizar bem as ações dessas empresas foi realizada uma análise de três delas, as mais distintas entre si – a Natura, uma varejista privada, a Vale, mineradora que já foi estatal e o Banco do Brasil, que é estatal. Para ser ainda mais completa análise, uma descrição das atividades de sustentabilidade de uma fundação - tipo societário que não tem fins lucrativos, mas que também se faz presente no conceito de sustentabilidade corporativa – faz-se necessária. Para tanto, foi incluída uma quarta análise, a da fundação estatal CPQD – Centro de Pesquisa e Desenvolvimento em telecomunicações -, localizado em Campinas e que também tem

notoriedade nacional na prática de ações sustentáveis.

As ações sustentáveis da Natura – Segunda colocada no ranking geral das empresas mais sustentáveis do mundo divulgada pela CK, a Natura é destaque quando o assunto é sustentabilidade. Essa empresa brasileira adota como estratégia "o desafio de tornar a sustentabilidade um dos principais vetores de inovação e geração de novos negócios por meio de soluções que criem valor compartilhado", como relata no seu relatório anual (RA) de 2012. Essa estratégia se mostrou efetiva, como mostra o RA de 2012, onde diversas atividades sustentáveis foram descritas pela empresa: a empresa reduziu, desde 2008, 7,4% de suas emissões de gás carbônico por quilo de produto faturado, lançou em 2011 o Programa Amazônia, que pretende aumentar em 12% o consumo sustentável de matérias primas na região e envolver 10 mil famílias agroextrativistas no programa até 2020. Para lidar com a questão dos resíduos sólidos, a Natura desenvolveu uma metodologia de inventário de geração de resíduos na cadeia de valor, com abordagem de ciclo vida.

No que diz respeito à água, a Natura fez uma análise sobre o uso do recurso e implementou medidas de sustentabilidade: o estudo foi realizado aplicando metodologias que incluem a avaliação de biodegradabilidade e toxicidade de produtos, considerando assim tanto o consumo como o potencial de poluição dos recursos hídricos. Com esses dados em mãos, a

empresa realizou melhorias em sanitários, na estação de tratamento de efluentes (ETE), na caldeira e no clube Natura, localizado em Cajamar, entre tantas outras. Também em Cajamar, foi implantado o projeto de monitoramento eletrônico do consumo, que permitiu identificar desvios de forma instantânea, reduzindo o tempo de resposta na contenção de perdas do recurso. Essas e outras medidas efetivas são descritas no relatório anual de 2012.

As ações sustentáveis do Banco do Brasil – Também presente no ranking do CK, o Banco do Brasil adota o referencial da sustentabilidade como premissa da sua atuação, ou seja, a sustentabilidade permeia toda a estrutura organizacional e está expressa em seus valores, missão, políticas, estratégias corporativas e nos diversos compromissos voluntários assumidos. A responsabilidade socioambiental é considerada no processo de tomada de decisão.

Como forma de tangibilizar sua estratégia em sustentabilidade e a fim de cumprir sua missão e alcançar a visão de futuro estabelecida, a instituição dispõe, desde 2005, de um Plano de Sustentabilidade – Agenda 21 do Banco do Brasil, iniciativa pioneira no meio empresarial do País. Esse documento é inspirado nos principais compromissos alinhados pela Cúpula da Terra, da ONU, que incentivam o comprometimento de governos, empresas, ONGs e sociedade civil na busca de soluções para os problemas socioambientais. Ela está organizada

em três eixos – processos e gestão RSA, negócios sustentáveis e investimento social privado – nos quais o banco define e revisa periodicamente desafios e, para cada um deles, uma série de ações, garantindo o desdobramento dessas diretrizes até a operação, como coloca em seu relatório anual de 2012.

Como ações sustentáveis da empresa, podem-se listar estas medidas que foram concluídas em 2012: foram definidos os cursos em sustentabilidade: responsabilidade ambiental, crédito e risco socioambiental, estratégia em desenvolvimento regional sustentável e ação voluntária para pontuarem em todos os processos de recrutamento e comissionamento da Instituição. Foram criados normativos internos que acrescentam às finalidades de controle e fiscalização contratual a necessidade de fazer cumprir os requisitos socioambientais e os respectivos mecanismos de verificação, comprovação e acompanhamento exigidos em contrato. Além disso, foi definida e implementada a metodologia de avaliação da qualidade e efetividade dos planos de negócio de desenvolvimento regional sustentável (PN DRS) e foram qualificados, inicialmente, 767 planos de negócios.

Ações de sustentabilidade da Vale – Não é comum uma empresa de mineração aparecer em índices de sustentabilidade ao redor do mundo. Entretanto, na contramão do que se pode supor a respeito de mineração, a empresa mostrou que consegue ser sustentável em seu RA de 2011: no mesmo ano, a empresa recuperou

uma área de 25,2 km², reaproveitou 70% da água utilizada em seus projetos, investiu 661 milhões de reais em recursos ambientais, aumentou em 17% o uso de biomassa como combustível, investiu 10 milhões de reais somente em projetos de eficiência energética. Além disso, a mineradora assumiu os compromissos de reduzir em 5% as emissões de efeito estufa até 2020, investir em fontes renováveis de energia e em pesquisa e desenvolvimento para projetos de captura e armazenamento de carbono.

Ações efetivas do CPQD – Situado no polo de alta tecnologia de Campinas, o Centro de Pesquisa e Desenvolvimento em telecomunicações é exemplo de sustentabilidade. Essa fundação estatal, que reinveste todo o lucro obtido com sua produção intelectual, investe também em práticas sustentáveis: o CPQD mantém um programa de reciclagem de baterias elétricas, reaproveita água da chuva com um sistema de captação e armazenamento que contribui para a economia de água potável e de energia elétrica. O sistema usa três poços artesianos e se situa nas instalações da empresa em Campinas, SP.

O CPQD tem, também, desde 2008, um programa, de plantio de árvores nas periferias de Campinas. Junto com outras empresas parceiras, o CPQD coordenou o plantio de 4500 mudas no bairro do Mundo Novo e outras 1500 no Parque Municipal da Vila União. Essas e outras informações podem ser encontradas em sua página da internet (CPQD, 2013).

Considerações finais – Este artigo

tentou mostrar que existem no Brasil empresas que, comprovadamente através de índices mundialmente reconhecidos, praticam ações de sustentabilidade. O artigo também questionou a suposta contradição entre lucratividade e sustentabilidade, evidenciando que o cenário atual permite ao empreendedor e às empresas utilizar a sustentabilidade também como recurso econômico. As empresas analisadas são apenas um subconjunto de um grande universo de outras empresas brasileiras que se posicionam a favor das questões de sustentabilidade, investindo em diversas áreas desde o meio ambiente até capacitação de seu corpo de funcionários. Como fonte de informações sobre essas empresas, foram usados uns dos principais documentos que elas mesmas publicam – os relatórios anuais: sabe-se que eles são utilizados pelas autoridades no assunto e na formação dos índices como o ISE e, embora se possa sugerir que haja conflitos de interesses, quanto mais uma empresa divulga os relatórios, por mais que pareçam peças de divulgação meramente institucionais, não há dúvida que existem investimentos maciços na sociedade, governo, negócios (riscos socioambientais), governança (combate ao suborno e corrupção, transparência e prestação de contas) e gestão ambiental (MASHIMA, 2012. Adaptado). Além disso, o RA da empresa, ao incluir informações sobre sua sustentabilidade – que é onde muitas empresas publicam seus relatórios de sustentabilidade – permite uma visão das pessoas que não participam de suas atividades conhecer o que elas contribuem para a

sociedade como um todo e que buscam soluções, que não necessariamente precisam ser antieconômicas, como foi fortemente enfatizado pelo artigo, para estimular, promover e executar ações sustentáveis nas operações de sua função social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, F. – O Bom Negócio da Sustentabilidade, p. 38. São Paulo: Qualitymark Editora, 2009.
- BANCO DO BRASIL – Relatório Anual de 2012. Disponível em: <http://www45.bb.com.br/docs/ri/ra2012/port/r/index.htm#.UbnYQ9gudJQ>. Acesso em: 01/07/2012.
- BMFBOVESPA – Índice de Sustentabilidade Empresarial. Disponível em: <http://www.bmfbovespa.com.br/indices/ResumoIndice.aspx?Indice=ISE&idioma=pt-br>. Acesso em 01/07/2013.
- CK – The global 100. Disponível em: <http://www.corporateknights.com/report/8th-annual-global-100-most-sustainable-corporations/global-100>. Acesso em: 01/07/2013.
- CPQD - Mirando a sustentabilidade, CPqD avalia ciclo de vida de equipamentos do setor elétrico e de telecom. Disponível em: <http://www.cpqd.com.br/imprensa-e-eventos/fatos/250-fatos-173/4812-mirando-a-sustentabilidade-cpqd-avalia-ciclo-de-vida-de-equipamentos-do-setor-eletrico-e-de-telecom.html>. Acesso em 01/07/2013.
- DJSNACI – Dow Jones Sustainability Indexes. Disponível em: <http://www.sustainability-indices.com/index-values/index.jsp>. Acesso em 01/07/2013.
- EXAME – 9 brasileiras o índice Dow Jones de sustentabilidade. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/meio-ambiente-e-energia/sustentabilidade/noticias/9-brasileiras-integram-indice-dow-jones-de-sustentabilidade>. Acesso em: 01/07/2013.
- GLOBO – Valor de mercado das empresas do ISE é quase 50% do total da Bovespa. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/economia/valor-de-mercado-das-empresas-do-ise-quase-50-do-total-da-bovespa-8834354>. Acesso em 01/07/2013.
- GLOBO_2: Investir em sustentabilidade dá lucro, diz executivo da Natura. Disponível em: <http://g1.globo.com/natureza/rio20/noticia/2012/06/investir-em-sustentabilidade-da-lucro-diz-executivo-da-natura.html>. Acesso em: 01/07/2013.
- MARCONDES, A. W. & BACARJI, C. D. – ISE – Sustentabilidade no Mercado de Capitais. São Paulo, Report Editora, 2009.
- MISHIMA, J. H – Revista Ciências do Ambiente On-Line, Volume 8, Número 2: Relatórios [In]Sustentáveis. Disponível em: <http://sistemas.ib.unicamp.br/be310/index.php/be310/article/viewFile/335/263>. Acesso em 01/07/2013.
- NATURA – Relatório Anual de 2012. Disponível em: <http://natura.infoinvest.com.br/ptb/s-15-ptb.html>. Acesso em 01/07/2012.
- VALE – Relatório de Sustentabilidade de 2011. Disponível em: <http://www.vale.com/PT/investors/Annual-reports/20F/Paginas/default.aspx>. Acesso em: 01/07/2012.
- YAHOO – Finance: Ibovespa Index. Disponível em: <http://finance.yahoo.com/q?s=^BVSP&q1=0>. Acesso em 01/07/2013.